


A crônica do “fora” em *Bagatelas* e *Marginália*, de Lima Barreto

The “outside” chronicle in Lima Barreto’s *Bagatelas* and *Marginália*

Dirlenvalder do Nascimento Loyolla*

 <https://orcid.org/0000-0002-1294-0599>

Recebido em: 29/10/2008

Aceito para publicação em: 16/11/2018

RESUMO: as obras póstumas *Bagatelas* (1923) e *Marginália* (1953) são dois volumes que reúnem crônicas produzidas pelo escritor Lima Barreto entre 1911 e 1922. O que difere tais livros de outras coletâneas importantes de Barreto está no fato de que ambos são os únicos concebidos, organizados e entregues aos respectivos editores pelo próprio escritor. Nosso objetivo neste estudo é analisar os volumes a partir da figura de Lima Barreto enquanto intelectual de seu tempo, um intelectual “dissonante” que durante toda a vida desenvolveu uma postura do “fora” em relação ao poder e ao *establishment*.

Palavras-chave: Lima Barreto. Crônica; O “Fora”. Representações do intelectual. Edward Said

ABSTRACT: *the literary works Bagatelas (1923) and Marginália (1953) are two books that gather chronicles written by Lima Barreto between the years 1911 and 1922. Conceived and organized, at first, by the chronicler himself, both books only became public after his death. Our goal in this study is to analyze the volumes from the figure of Lima Barreto as an intellectual of his time, a "dissonant" intellectual who developed during his life an "outside" attitude regarding the power and the establishment.*

Keywords: *Lima Barreto. Chronicle. The “Outside”. Representations of the intellectual. Edward Said*

* Professor da Faculdade de Línguas Estrangeiras e Tradução do Instituto de Linguística, Letras e Artes da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa). E-mail: diloyolla@gmail.com.

Duma maneira ou outra estamos todos fora. Minados por deslocamentos linguísticos, culturais ou políticos, os nossos lugares de enunciação parecem cada vez mais precários no quadro do sistema que aspira à totalização do real pela representação (duma representação que pretende regular o que significa pensar, criar, lutar, viver) (ANGHEL; PELLEJERO, 2008, p. 05).

Há um pensamento do fora que segue sem ter direito a um lugar na filosofia, na literatura, nas artes plásticas; pensamento da loucura, da colônia, da minoria (ANGHEL; PELLEJERO, 2008, p. 07).

Só se pode bater numa porta quando se está do lado de fora; e é o ato de bater na porta que alerta os moradores para o fato de que alguém que bate está realmente fora. “Estar do lado de fora” lança o estranho à posição de *objetividade*: é um vantajoso ponto de vista exterior [...] (BAUMAN, 1999, p. 88).

O intelectual dissonante e a perspectiva do “fora”

O objetivo principal deste trabalho é analisar a figura do escritor carioca Lima Barreto (1881-1922) enquanto intelectual de seu tempo; para tanto, a perspectiva de análise escolhida para o desenvolvimento deste estudo fez com que nossa atenção se voltasse para o Lima Barreto cronista (e não o romancista ou o contista), uma vez que nesse gênero literário específico (a crônica) o autor pôde expressar-se de modo direto e objetivo, sem os habituais elementos da prosa de ficção que dão margem a interpretações múltiplas. Dentro dessa perspectiva, buscou-se analisar dois volumes de crônicas organizadas pelo próprio Barreto antes de falecer: *Bagatelas* (apenas publicado em 1923) e *Marginália* (1953).

Objeto situado na intersecção de dois campos, a saber, o jornalístico e o literário, a crônica é um gênero híbrido que, apesar de ser originada a partir de fatos corriqueiros da vida social (próprios da efemeridade), também está atrelada a questões de alta importância literária e intelectual (próprias da perenidade); esse tipo de produção textual lida com temas de grande importância histórica e com discussões relacionadas aos problemas da condição humana. A crônica barretiana, em específico, oferece-nos um rico painel da sociedade brasileira do início do século XX. Nessa perspectiva, ela também é capaz de revelar muito do próprio cronista enquanto intelectual, posto que seus textos jornalísticos estejam marcados por sua visão particularmente *sincera* do Brasil de sua época; há em Barreto uma forte noção de *sinceridade literária*, a qual perpassa toda a sua produção jornalística e é responsável pela escolha de certos temas que o autor, vez por outra, insere em seus debates. O cronista soube misturar e dosar em seus textos tanto expressões de sua revolta enquanto intelectual insatisfeito com os problemas do país quanto elementos de sua intimidade biográfica.

O que podemos chamar de *sinceridade literária* em Lima Barreto explicita-se através de sua “prosa largada”, a qual, segundo a visão do crítico Astrojildo Pereira, “possui excelentes qualidades de expressão” (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 12). O cronista fazia questão de escrever de maneira “descuidada”, “solta”, sem fazer uso de jargões pomposos ou metáforas “ocas”, típicas do formalismo vazio que predominava no estilo do seu tempo. O efeito positivo de tal artifício literário foi muito bem recebido por Monteiro Lobato, que chegou a afirmar que o escritor Lima Barreto, devido ao seu novo estilo de escrita, mais do que nenhum outro autor em sua época, possuía “o segredo de bem ver e melhor dizer, sem nenhuma dessas preocupaçõeszinhas de *toilette* gramatical que inutiliza metade de nossos autores” (LOBATO *in*: BARRETO, 1956, v. XVII, p. 49). Para Lobato, com efeito, tal escritor era “facílmo na língua, engenhoso, fino”, um sujeito que parecia escrever sem a tortura angustiante da busca pela frase perfeita, que redigia seus textos “ao modo das torneiras que fluem uniformemente a sua corda d’água” (LOBATO *in*: BARRETO, 1956, v. XVII, p. 48).

Barreto certamente prezava pela qualidade de expressão de suas crônicas porque o seu principal interesse era o de que suas ideias fossem veiculadas entre os leitores comuns. Daí o tom, por vezes, “panfletário” que o autor imprimia a muitos de seus artigos, nos quais inseria, violentamente, “a feição de áspera crítica política e social” fazendo da sátira de costumes “uma arma permanente de combate” (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 12-13). Para se aproximar dos leitores comuns (em sua maioria, também pobres ou mulatos ou suburbanos), Lima Barreto fez uso desbragado do recurso da *sinceridade*; sempre encontrou meios de inserir em seu discurso de cronista elementos de sua intimidade: falou sobre sua pobreza, sobre sua condição de negro e sobre o subúrbio onde morava¹.

Apesar de serem muito importantes do ponto de vista do conjunto de sua obra, volumes de crônicas e artigos como *Feiras e mafuás* (publicado originalmente em 1953), *Impressões de leitura* (1956) e *Vida urbana* (1956) não representam integralmente o pensamento de Lima Barreto, uma vez que sofreram algum tipo de interferência por parte dos seus editores ou organizadores. Mesmo que todos os volumes de crônicas de Lima Barreto tenham sido publicados postumamente, apenas *Bagatelas* e *Marginália* podem ser vistos como livros verdadeiramente *autorais*, já que foram montados pelo próprio escritor e entregues por ele mesmo aos seus respectivos editores.

¹ Revelação importante a esse respeito está na obra *O cemitério dos vivos*, onde o “autor-personagem” afirma o seguinte: “[...] Seriam como que exercícios para bem escrever, com fluidez, claro, simples, atraente, de modo a dirigir-me à massa comum dos leitores, quando tentasse a grande obra, sem nenhum aparelho rebarbativo e pedante de fraseologia especial ou um falar abstrato que faria afastar de mim o grosso dos legentes. Todo o homem, sendo capaz de discernir o verdadeiro do falso, por simples e natural intuição, desde que se lhe ponha este em face daquele, seria muito melhor que me dirigisse ao maior número possível, com auxílio de livros singelos, ao alcance das inteligências médias com uma instrução geral, do que gastar tempo com obras só capazes de serem entendidas por sabichões enfatuados, abarrotados de títulos e tiranizados na sua inteligência pelas tradições de escola e academias por preconceitos livrescos e de autoridades” (BARRETO, 1956, v. XV, p. 138-139).

Quase a totalidade das crônicas de Barreto foi publicada em 1956, pela editora Brasiliense, quando foram lançados os dezessete volumes da Coleção *Obras de Lima Barreto*; tal coleção foi dirigida por Francisco de Assis Barbosa e teve a colaboração de Antônio Houaiss e M. Cavalcanti Proença. Nessa ocasião, os organizadores lançaram mão das obras *Bagatelas* e *Marginália*, as quais haviam sido publicadas em 1923 e 1953, respectivamente, pela Empresa de Romances Populares (selo editorial do jornal *A Noite*, de Irineu Marinho) e pela Editora Mérito. Apesar do fato de que *Bagatelas*, de 1956, permaneceu sob a mesma estrutura original de 1923, o mesmo não ocorreu ao volume de *Marginália*, que foi profundamente modificado em sua nova edição, em 1956.

Marginália (1953) e *Bagatelas* (1956) reúnem crônicas publicadas originalmente por Lima Barreto entre 1911 e 1922; devido a uma série de injunções e problemas relativos às atividades intelectuais e literárias desse autor, tais crônicas tiveram que ser publicadas em jornais pequenos, de pouca circulação. O interesse pelas crônicas de Barreto analisadas sob esse viés deve-se ao fato de que esse escritor tenha vivido numa época de grande importância para a formação política e social do Brasil (a Primeira República durante os primeiros anos do século XX); somemos a isso o fato de que o seu olhar crítico em relação a esse período seja bastante peculiar porque a sua história de vida (negro, pobre, suburbano) fez com que suas observações acerca da realidade sociopolítica de sua época fossem um tanto quanto diferentes das demais.

Como afirmado acima, grande parte da atividade de Lima Barreto enquanto cronista está repleta de indicações personalíssimas, por intermédio das quais até se faz possível descobrir algumas particularidades de sua vida íntima e familiar. De certo modo, o escritor sempre fez questão de demarcar claramente *o lugar* de onde proferia os seus julgamentos; para Barreto, o seu lugar de enunciação é caracterizado, por vezes, tanto pela ideia física/espacial do *subúrbio* quanto pela dimensão geral da *pobreza*. Em ambos os casos, faz-se evidente no discurso barretiano a tendência de tomar o meio suburbano no qual residia, cercado pelo atraso e pela miséria, como uma espécie de símbolo para o “fora”, espaço das pessoas pobres e marginais, figuras praticamente destituídas de qualquer tipo de poder:

Certas manhãs quando desço de bonde para o centro da cidade [...] quando desço **do subúrbio em que resido** [...] (BARRETO, 1956, p. 61, **grifo nosso**).

Os parques **níqueis que a minha aposentadoria rende**, dar-me-ão com o que viver [...] (BARRETO, 1956, p. 134, **grifo nosso**).

Não fui à cidade e deixei-me ficar pelos arredores da casa em que moro, **num subúrbio distante**. [...] Saí pelas ruas do **meu subúrbio longínquo** a ler as folhas diárias (BARRETO, 1953, p. 20-21, **grifo nosso**).

Para mim a política [...] tem por fim tornar a vida cômoda e os povos felizes. **Desde menino, pobre e oprimido**, que vejo a “política” do Brasil ser justamente o contrário. [...] Os pobres-diabos que se apaixonam por essas especulações de políticos é que levam o “chanfalho” da polícia e sofrem perseguições. **São causas que nós, humildes**, não devemos esposar [...] (BARRETO, 1953, p. 49-51, **grifo nosso**).

[...] tinha passado um mês enfurnado na **minha modesta residência**, que para enfezar Copacabana, denominei “Vila Quilombo” [...] (BARRETO, 1953, p. 52, **grifo nosso**).

Há dias, saindo de **meu subúrbio**, vim à avenida e à Rua do Ouvidor e pus-me a olhar os trajes das damas (BARRETO, 1953, p. 85, **grifo nosso**).

Quando saio de casa e vou à esquina da Estrada Real de Santa Cruz, **esperar o bonde, vejo a miséria** que vai por este Rio de Janeiro (BARRETO, 1953, p. 86, **grifo nosso**).

Tomei logo lugar no vagão de 1ª classe [...] Envergonho-me da minha pobreza e dos meus humildes cigarros. **Arrependo-me** da viagem ou, antes, **de não ter tomado a segunda classe. É o meu lugar** (BARRETO, 1953, p. 36-37, **grifo nosso**).

Como se pode notar, há um discurso “do fora” que se faz presente em muitas das crônicas de Lima Barreto. É importante ressaltar que quando fazemos menção à ideia do *fora* neste estudo estamos nos apropriando especificamente de um termo cuja discussão partiu do âmbito da Filosofia e da Literatura para o das Ciências Sociais; essa noção tem suas origens no pensamento de Maurice Blanchot (1907-2003), bem como seu desenvolvimento nos estudos de Michel Foucault (1926-1984) e Gilles Deleuze (1925-1995). Por *pensamento do fora*, nesse contexto, queremos entender o discurso através do qual manifesta-se uma dimensão de enfrentamento ao Poder instaurado (a Lei, a Norma, o Governo, a Tradição, a Direita, o Discurso da Maioria); vale dizer, citando Deleuze (1991, p. 96), que o pensamento do “Fora” pode ser visto como “um pensamento de resistência”.

De acordo com Peter Pál Pelbart (*in*: ANGHEL; PELLEJERO, 2008, p. 95), o pensamento do “Fora” “pode ocupar-se do Fora embutido na loucura e na arte, na filosofia ou na política. Pouco importam, aqui, os territórios”. Há uma linha do *Fora*, nesse sentido, se desenhando em torno de figuras como Nietzsche, Bachelard e Blanchot, por exemplo, posto que tais filósofos romperam com o modelo comum de escrita da palavra filosófica (segundo os moldes tradicionais da Academia) para estabelecerem um entre-lugar entre a Filosofia e a Poesia:

Para além da conquista laboriosa da sua unidade, a exposição da filosofia à erosão indefinida do fora, leva desta maneira o pensamento a pôr em causa os seus pressupostos e colocar em questão a (im)possibilidade radical do seu incessante recomeço. A aposta do jogo é a sorte de outro jogo [...] é a perversão de um teatro que, à força de má vontade, renova a esperança (desesperada) de encontrar uma saída (ANGHEL; PELLEJERO *in*: ANGHEL; PELLEJERO, 2008, p. 09).

Do mesmo modo, no campo das artes, uma gama enorme de pessoas buscou empreender um caminho contrário ao pensamento dominante, e tais pessoas terminaram por fundar novas possibilidades para os domínios da expressão artística. Para Golgona Anghel e Eduardo Pellejero (*in*: ANGHEL; PELLEJERO, 2008, p. 07), o *pensamento do fora* é irrequieto e questionador, e vive em constante movimento, pois é contrário à permanência: há, desse modo, um pensamento do fora “que segue sem ter direito a um lugar na filosofia, na literatura, nas artes plásticas”; trata-se do pensamento da loucura, da colônia, das minorias.

Lima Barreto é o intelectual pobre que desce de bonde para o Centro. Saindo do “subúrbio distante” em que reside, o cronista parte em direção à área nobre da cidade observando a miséria reinante nos arrabaldes do Rio de Janeiro. Ao escrever suas crônicas, o escritor não tem pejo de expor alguns detalhes de sua vida particular, como o fato de não ter um bom salário (receber “parcos níqueis”), de morar numa “modesta residência”, num “subúrbio distante”, ou mesmo (como explica ou insinua em cartas e crônicas) de não possuir roupas caras ou elegantes.

Na crônica “Até Mirassol (Notas de viagem)”, o escritor relata sua experiência durante uma pequena viagem que fez ao interior de São Paulo. Interessante notar que, em tal crônica, ele faz questão de expor o fato de que, uma vez tendo tomado assento na primeira classe, arrepende-se, pois tem a impressão de que o *seu lugar* não seja ali. A afirmação “É o meu lugar” (referindo-se à segunda classe) é uma forte evidência da postura do intelectual em relação à sociedade da qual faz parte. Quando convém ao seu discurso antiburguês e de revide ao poder, o escritor faz questão de colocar-se do lado dos miseráveis, alinhando-se ao lado do povo (*nós: os pobres, humildes e oprimidos*).

Em seus textos jornalísticos há várias reflexões sobre assuntos diferentes, tais como: preconceito racial e social, academias literárias, anticlericanismo, antiamericanismo, artes, autores e livros, carnaval, defesa da mulher, a questão dos doutores, notícias do Brasil e do mundo, feminismo, futebol, greves, guerras, homens públicos, imigrantes, imprensa, revoluções, moda feminina, nacionalismo, patriotismo, polícia, urbanização, revoluções, saúde pública, subúrbios, teatro, cultura, cultura brasileira, etc.

Vale dizer: Barreto encarnou perfeitamente, em sua época, a figura dinâmica e irrequieta do *Intelectual*, sempre interessado em tudo ao seu redor e sempre disposto a dar a sua opinião sobre as coisas. E posto que estejamos falando de um intelectual em sua perspectiva em relação ao um *dentro* e a um *fora* na sociedade

brasileira, é interessante notar que Barreto não se coloca passivamente do lado de fora desse espaço, mas que ele “bate à porta”, não necessariamente para entrar, mas como que para incomodar: marcar presença, deixar claro que há alguém do lado de fora.

Com efeito, como afirma Edward Said em sua obra *Representações do intelectual*, há na figura do intelectual certa vocação para “representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (SAID, 2005, p. 25). De acordo com Said, desse modo, cabe ao intelectual:

[...] ser alguém cuja função é levantar publicamente questões embaraçosas, confrontar ortodoxias e dogmas (mais do que produzi-los); isto é, alguém que não pode ser facilmente cooptado por governos ou corporações, e cuja *raison d'être* é representar todas as pessoas e todos os problemas que são sistematicamente esquecidos ou varridos para debaixo do tapete (SAID, 2005, p. 26).

Na visão de Said (2005), o intelectual pode ser visto como uma figura representativa, alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público: “Meu argumento é que os intelectuais são indivíduos com vocação para a arte de representar, seja escrevendo, falando, ensinando ou aparecendo na televisão” (SAID, 2005, p. 27). Em tal processo de representação, vale acrescentar, há muito de ousadia e de risco, posto que o intelectual, no geral, pode ser visto com um *homem de projeto*, que busca organizar suas ideias e divulgá-las (sem medo) da melhor maneira possível: “O artista e o intelectual independentes estão entre as poucas personalidades preparadas para resistir e lutar contra os estereótipos e a consequente morte das coisas genuinamente vivas” (MILLS *apud* SAID, 2005, p. 34). Pertencentes ao seu tempo, os intelectuais refutam a cristalização de conceitos e informações veiculadas pelos meios de informação; por isso que vivem para contestar o *status quo* dominante: “as imagens, narrativas oficiais, justificações de poder que os meios de comunicação, cada vez mais numerosos, fazem circular” (SAID, 2005, p. 35).

Dentro dessa perspectiva, podemos afirmar que o intelectual vive sempre num contínuo estado de *pólemos* (“guerra”, “combate”), buscando o enfrentamento diário e mantendo-se constantemente num estado de alerta, de disposição perpétua para não permitir que meias verdades ou ideias preconcebidas norteiem as pessoas: o intelectual poderá sempre escolher entre o lado dos mais fracos (dos que são pouco representados, dos esquecidos ou ignorados), ou até mesmo optar pelo lado dos poderosos. Todavia, vale lembrar que o intelectual não deve aliar-se ao poder para garantir a ordem e a continuidade na vida pública; pelo contrário, seu papel é e sempre deverá ser questionar as normas vigentes. Ao escolher posicionar-se do lado do Poder, o intelectual está infringindo a principal condição de sua classe, posto que, segundo Said, uma vida intelectual seja, fundamentalmente, *conhecimento e liberdade*:

Em outras palavras, o intelectual propriamente dito não é um funcionário, nem um empregado inteiramente comprometido com

os objetivos políticos de um governo, de uma grande corporação ou mesmo de uma associação de profissionais que compartilham uma opinião comum. [...] Muitos intelectuais sucumbem por completo a essas tentações e, até certo ponto, todos nós. Ninguém é totalmente auto-suficiente, nem mesmo o mais livre dos espíritos (SAID, 2005, p. 90).

De certo modo, quando comparamos a análise de Edward Said acerca da figura do intelectual com a visão de outros pensadores, como Antonio Gramsci, Jean-Paul Sartre e Norberto Bobbio, iremos encontrar em Said (2005) a melhor abordagem sobre a questão caso estejamos interessados em pensar a noção de intelectualidade em Lima Barreto. E isso acontece justamente porque há toda uma dinâmica na interpretação proposta pelo estudioso palestino que se acomoda facilmente ao caso de Barreto, para quem, em linhas gerais, a função do intelectual na sociedade também seria a de lançar mão de sua capacidade dialética para tentar criar situações mais dialógicas.

Em sua conferência “Exílio intelectual: expatriados e marginais”, Said (2005) faz uma observação extremamente pertinente a respeito da ideia do *exílio*, afirmando que a condição do exilado não significa, necessariamente, a condição de quem está fisicamente para fora dos limites de sua pátria. Para Said, existiria também uma qualidade metafórica do exílio, que se manifesta em relação àqueles que, mesmo dentro de seus países, vivem como exilados. Importante ressaltar que, de acordo com essa perspectiva, os intelectuais, de maneira geral, poderiam ser divididos em dois grupos, sendo que o primeiro seria o dos *conformados* (ou *consonantes*) e o segundo grupo, o dos *inconformados* (ou *dissonantes*). Os primeiros pertenceriam plenamente à sociedade, crescendo nela sem nenhum tipo de sentimento de discordância, comportando-se como intelectuais propensos a sempre dizerem “sim”; por outro lado, haveria o grupo dos dissonantes, indivíduos inconformados com o sistema e com os padrões vigentes, “exilados no que se refere aos privilégios, ao poder e às honrarias” (SAID, 2005, p. 60). O exílio metafórico, desse modo, significa um *estar sempre à margem*, situação muito similar à condição do “fora” exposta no início deste capítulo:

A condição de marginalidade, que pode parecer irresponsável e impertinente, nos liberta da obrigação de agir sempre com cautela, com medo de virar tudo de cabeça para baixo, preocupados em não inquietar os colegas, membros da mesma corporação. [...] O intelectual que encarna a condição de exilado não responde à lógica do convencional, e sim ao risco da ousadia, à representação da mudança, ao movimento sem interrupção (SAID, 2005, p. 70).

Outra observação muito feliz desenvolvida por Said está relacionada à sua diferenciação entre intelectuais *profissionais* e intelectuais *amadores*. Para ele, o profissionalismo nessa área se faz entender pela subserviência do intelectual a determinados padrões de postura e de pensamento justamente devido à sua condição de assalariado; isso, obviamente, é visto pelo autor como algo, a longo prazo, bastante prejudicial às ações da intelectualidade, bem como à própria

imagem do intelectual na sociedade. Por outro lado, o chamado *amadorismo* nessa área estaria relacionado, literalmente, a uma atividade que é alimentada pela dedicação e pela afeição, e não pelo lucro ou por uma especialização egoísta e estreita. O intelectual, dentro dessa perspectiva, deve ser um *amador*:

[...] alguém que, ao considerar-se um membro pensante e preocupado de uma sociedade, se empenha em levantar questões morais no âmago de qualquer atividade, por mais técnica e profissionalizada que seja. Essa atividade empenhada envolve seu país, o poder e o modo de interagir com seus cidadãos [...] (SAID, 2005, p. 86).

Intelectual *amador*, conforme as características referentes ao *amadorismo* expostas acima, bem como *exilado* no sentido metafísico proposto por Edward Said, o cronista Lima Barreto desenvolveu durante a sua vida uma noção de intelectualidade em cujo discurso facilmente reconhecemos questões pontuais, como esclarecimento, emancipação e liberdade. E vale lembrar que, em linhas gerais, tais questões são colocadas por Said (2005) enquanto fundamentais para a manutenção do *status quo* do intelectual na modernidade, que se vê ameaçado pelo crescimento moderno exacerbado do corporativismo.

Em suas crônicas, Barreto personifica a figura combativa e “secular” (não-corporativizada) do intelectual proposto por Said, sempre disposto a questionar as normas vigentes. A opinião do cronista no que tange ao Governo republicano, à Prefeitura do Rio de Janeiro, a deputados e senadores, aos grandes jornais e aos grandes capitalistas, bem como em relação à Academia Brasileira de Letras e seus literatos elitizados, deixa à mostra essa perspectiva questionadora. O foco principal das críticas do cronista estava voltado para a constituição e efetivação do Poder na sociedade brasileira, espaço no qual sempre sobraram abusos e injustiças àqueles destituídos de voz e representação.

O que a intelectualidade de Lima Barreto sempre o forçou a fazer foi buscar estabelecer um conjunto de escritos autênticos que desse forma ou que representasse a sua condição de *Escritor de um “fora”* político e econômico. A própria palavra *Escritor*, a partir de agora, firma-se como que associada à palavra *Intelectual*, posto que em Lima Barreto tal associação ocorra de uma maneira profunda e bem resolvida. Tal perspectiva acerca da relação entre as noções de *escritor* e de *intelectual*, aliás, é analisada por Said em sua obra supracitada. O autor afirma que quando Jean-Paul Sartre redigiu o seu famoso texto *Que é a literatura?*, em 1947, ele estava mesmo era escrevendo o seu “credo” como intelectual. Em seu trabalho, Sartre usa a palavra *escritor*, mas, para Said (2005), é evidente que ele esteja, na verdade, falando sobre o papel do *intelectual* na sociedade.

Bagatelas: “um livro vivo”

A obra *Bagatelas* foi publicada originalmente em 1923, pela Empresa de Romances Populares, sendo lançada novamente 33 anos mais tarde, pela Editora Brasiliense. Importante notar, nesse sentido, que a edição de *Bagatelas* de 1956 conserva fielmente a mesma disposição dos textos escolhidos para a primeira edição: (01) “A superstição do doutor”; (02) “São Paulo e os estrangeiros”; (03) “Casos de bovarismo”; (04) “Tenho esperança que...”; (05) “O caso do mendigo”;

(06) “Vera Zassúlitch”; (07) “Que fim levou?”; (08) “O convento”; (09) “No ajuste de contas”; (10) “Da minha cela”; (11) “Carta aberta”; (12) “Não valia a pena”; (13) “Um ofício da A. P. S. A.”; (14) “Problema vital”; (15) “Quem será, afinal?”; (16) “Procurem a sua Josefina!”; (17) “São capazes de tudo”; (18) “Sobre o maximalismo”; (19) “Os uxoricidas e a sociedade brasileira”; (20) “A matemática não falha”; (21) “O nosso ianquismo”; (22) “Edificantes notas ao Southey”; (23) “Henrique Rocha”; (24) “Livros de viagens”; (25) “Duas relíquias”; (26) “Dous livros”; (27) “Sobre o nosso teatro”; (28) “Pela seção livre”; (29) “Sestros brasileiros”; (30) “A circular de Reverendo Vigário Geral”; (31) “Uma simples nota”; (32) “A missão dos utopistas”; (33) “Meia página de Renan”; (34) “As lições da grande guerra”; (35) “O negócio da Bahia”; (36) “Homem ou boi de canga?”; (37) “O cedro de Teresópolis”; (38) “Coisas eleitorais”; (39) “Após a guerra”; (40) “Mais uma vez”; (41) “A nossa situação”.

A nota introdutória (“Advertência”), abaixo, que abre o volume em questão, sugere o tom político e, digamos, “pouco inocente” que, no geral, marca os artigos que compõem tal obra:

Advertência

Composto de artigos de várias naturezas e que podem merecer várias classificações, inclusive a de não classificáveis, este pequeno livro não visa outro intuito senão permitir aos espíritos bondosos que me têm acompanhado, nos meus modestos romances, a leitura de algumas reflexões sobre fatos, coisas e homens da nossa terra, que, julgo, talvez sem razão, muito próprias a mim.

Aparecidos em revistas e jornais modestos, é bem de crer que tais espíritos não tenham lobrigado a existência deles; e é somente por esse motivo que os costuro em livro, sem nenhuma outra pretensão, nem mesmo a de justificar a minha candidatura à Academia de Letras.

Percebo perfeitamente que seria mais prudente deixá-los enterrados nas folhas em que apareceram, pois muitos deles não são lá muito inocentes; mas, conscientemente, quero que as inimizades que eles possam ter provocado contra mim se consolidem, porquanto, com S. Inácio de Loyola, penso que não há inimigo tão perigoso como não ter absolutamente inimigo.

Rio de Janeiro, 13-8-1918 (BARRETO, 1956, p. 37).

Em seu prefácio à segunda edição de *Bagatelas*, o jornalista e crítico literário Astrojildo Pereira afirma que Lima Barreto pode ser visto como um “escritor do povo”, alguém que confia “na vontade revolucionária e na força invencível do

povo” (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 28). A visão geral do crítico acerca desse volume de crônicas é a de que *Bagatelas* deve ser visto como um livro militante, “um livro vivo”, por assim dizer, “por meio do qual o seu autor sobrevive e participa, ainda hoje, das grandes lutas do nosso povo pela paz, a democracia e a independência nacional” (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 29).

Grande entusiasta que foi do Comunismo no Brasil, Astrojildo Pereira² busca realçar em sua apresentação da obra as características mais evidentes do discurso barretiano capazes de classificar o cronista como um intelectual propenso à militância política. O respeito e o carinho dispensados por Barreto ao tema da Revolução Bolchevique de 1917, bem como algumas de suas ideias anarquistas e revolucionárias, corroboram o olhar de Pereira em relação ao livro:

Lima Barreto não era tão pouco um articulista de tipo estritamente jornalístico, mas um escritor, seguro de si e da sua obra, que se servia das páginas de jornais e revistas para opinar, criticar, protestar e a par disso, frequentemente, registrar as suas reminiscências, memórias e confissões pessoais. Sem ser um panfletário profissional, imprimia a muitos dos seus artigos a feição de áspera crítica política e social, e fazia da sátira de costumes uma arma permanente de combate (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 12-13).

Como também é fácil observar na própria “Advertência” de Barreto, ele mesmo tinha consciência de que alguns de seus textos não eram “muito inocentes”, posto que os mesmos tenham contribuído para que o escritor granjeasse inimizades ao longo dos anos. Como se vê, há nas crônicas de *Bagatelas* muito mais do que tão somente o intuito de se refletir “sobre fatos, coisas e homens da nossa terra”. Há, obviamente, uma motivação política por trás de cada um dos 41 textos que compõem a obra; e cumpre observar, por certo, que seria esse motivo *político* a principal razão que levou o cronista a “costurar” em livro alguns de seus trabalhos jornalísticos publicados originalmente em “revistas e jornais modestos”.

Dada a pouca abrangência territorial (distribuição) e o número reduzido de exemplares impressos de tais periódicos, grande parte do público-alvo de Lima Barreto certamente jamais teria conhecimento de seus trabalhos se não fosse pela organização e posterior publicação de tais peças jornalísticas em forma de livro. Barreto era um escritor empenhado em divulgar suas ideias, um intelectual preocupado com os rumos políticos do país e incomodado com a apatia popular diante dos mandos e desmandos do Poder republicano.

Interessante notar que, para Astrojildo Pereira, há certo exagero por parte de Lima Barreto ao pôr ênfase no fato de que seus artigos tenham saído primeiramente em periódicos modestos. Para o crítico literário, há exagero porque

² Astrojildo Pereira (1890-1965) foi um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro, em 1922, tendo sido um dos mais ativos militantes da causa socialista no Brasil da primeira metade do século XX. Foi Secretário-Geral do Partido entre 1924 e 1930. Jornalista e escritor, sempre esteve ligado a temas e questões de cunho político e social. Como crítico literário, escreveu vários trabalhos sobre a obra de Machado de Assis e de Lima Barreto.

boa parte dos textos enfeixados em *Bagatelas* saiu, primeiramente, em “revistas e até em jornais não de todo muito ‘modestos’, como era o caso, por exemplo, do A.B.C. e do *Hoje*, semanários cariocas que desfrutaram, em certa época, de considerável notoriedade política e literária” (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 09). Mas o certo é que havia em Lima Barreto uma espécie de vontade pelo “fora”, pelo *gauche*, pela marginalidade; ele queria firmar-se do lado dos pequenos, ser parte da grande massa dos pequenos, e também ser a sua voz:

Dessa posição de escritor pobre e honrado, fez Lima Barreto uma trincheira, de que jamais desertaria, e servindo-se dos meios que lhe eram próprios participou do bom combate em favor do povo brasileiro e da humanidade progressista (PEREIRA *in*: BARRETO, 1956, p. 14).

Barreto não gostava daquilo que se convencionou chamar de *grande imprensa*; sua relação conflituosa com o *Correio da Manhã*, de Edmundo Bittencourt³, só acirrou o seu desgosto crescente em relação a tal segmento da prática jornalística. Por outro lado, já no que tange à pequena imprensa, o seu pensamento era completamente diferente.

Posto que a principal diferença entre a *pequena* imprensa e *grande* esteja no fato de que os jornalistas possuem muito mais liberdade de expressão na primeira do que na segunda, Lima Barreto louvava os pequenos jornais e revistas enquanto únicos espaços para a prática de um jornalismo sério e comprometido com a verdade. A grande imprensa, ligada visceralmente à voragem capitalista, à uma busca incessante por lucro, estaria como que “vendida” para os interesses dos grandes empresários e também do Poder político dominante.

Tendo, pois, preferência declarada pela pequena imprensa, o cronista batizaria esse seu primeiro volume de crônicas reunidas justamente com um título que sugere algo *de pouco valor ou importância*. O que salta aos olhos, obviamente, é o fato de que o termo “bagatelas” também pode estar sugerindo, como afirmado acima, um tipo de discurso que se encontre alinhado, a rigor, sempre do lado dos menos favorecidos, dos “pequenos”, dos que não são importantes aos olhos do Poder.

³ A publicação de seu primeiro romance, *Recordações do escrivo Isaiás Caminha*, em 1909, gerou enorme descontentamento em meio à classe jornalista/intelectual do Rio de Janeiro, bem como em Edmundo Bittencourt, que era o dono do Jornal *Correio da Manhã*. Em sua obra, Barreto descreve pejorativamente a redação e a diretoria de um jornal fictício (*O Globo*) o qual, na época, foi automaticamente associado ao *Correio da Manhã*. Como reação, Bittencourt ordenou que o nome de Lima Barreto nunca fosse citado em seu jornal, fato este que foi seguido à risca mesmo muitos anos após a morte de ambos. Essa espécie de “silenciamento” acerca do nome do escritor no maior jornal da época acabou influenciando negativamente sua carreira, tornando mais difícil a publicação de suas outras obras, bem como reduzindo consideravelmente a recepção crítica sobre as mesmas.

Dimensões da *Marginália*

Assim como ocorreu com *Bagatelas* (1923), o volume de *Marginália* (1953) também foi idealizado e montado pelo próprio Lima Barreto. Publicada 31 anos depois da morte do escritor, a primeira edição de *Marginália* compreende artigos sobre vários assuntos, tais como comentários acerca de acontecimentos políticos, crônicas da vida carioca, impressões de leitura e uma série de pesquisas sobre o folclore urbano.

A publicação original do volume de *Marginália* (1953), desse modo, está muito bem dividida em três seções distintas, que se fazem entender por (I) MARGINÁLIA, (II) IMPRESSÕES DE LEITURA e (III) MÁGOAS E SONHOS DO POVO:

I - MARGINÁLIA

(01) “A questão dos *poveiros*”; (02) “Hotel 7 de setembro”; (03) “15 de Novembro”; (04) “A biblioteca”; (05) “O anel dos musicistas”; (06) “Elogio da morte”; (07) “A minha candidatura”; (08) “Sobre a guerra”; (09) “Até Mirassol (notas de viagem)”; (10) “Dias de roça” (carta); (11) “Palavras dum simples”; (12) “Bailes e divertimentos suburbanos”; (13) “O nosso caboclisto”; (14) “Como resposta”; (15) “A *Maçã* e a polícia”; (16) “Generosidade”; (17) “A política republicana”; (18) “Bilhete”; (19) “De Cascadura ao Garnier”; (20) “A carroça dos cachorros”; (21) “A derrubada”; (22) “Vestidos modernos”; (23) “O moambeiro”.

II - IMPRESSÕES DE LEITURA

(01) “O destino da literatura”; (02) “Livros”; (03) “Literatura militante”; (04) “Literatura e política”; (05) “Reflexões e contradições à margem de um livro”; (06) “À margem do *Coivara*, de Gastão Cruls”; (07) “História de um mulato”; (08) “Vários autores e várias obras”; (09) “Urbanismo e roceirismo”; (10) “A obra do criador de Jeca Tatu”; (11) “Madame Pommery”; (12) “Estudos”; (13) “A obra de um ideólogo”; (14) “O triunfo”; (15) “O secular problema do Nordeste”; (16) “Anita e Plomark, aventureiros”; (17) “Elogio do amigo”; (18) “Um romance sociológico”; (19) “Limites e protocolo”; (20) “Levanta-te e caminha”; (21)

“Canais e lagoas”; (22) “Dois meninos”; (23) “Volto a Camões!”; (24) “Tabaréus e tabaroas”; (25) “Fetiches e fantoches”; (26) “O professor Jeremias”; (27) “Um romancista”.

III – MÁGOAS E SONHOS DO POVO

(01) “Recordações da *Gazeta Literária*”; (02) “Sonhei com isto: o que é?”; (03) “Histórias de macaco”; (04) “Um domingo de Páscoa”; (05) “O Príncipe Tatu”; (06) “Contos e histórias de animais”; (07) “História de um soldado velho”; (08) “Superstições domésticas”; (09) “Rezas e orações”; (10) “Restos do *tabu* ancestral”; (11) “Coisas do jogo do *bicho*”.

A excelente disposição dos textos de *Marginália* (1953) em três grandes seções dá a essa obra uma característica ímpar: a capacidade de mostrar a perspectiva crítica de um Lima Barreto ao mesmo tempo leitor de obras literárias (1), “leitor” do mundo (2) e também pensador da cultura (3).

Há, por certo, muito de seu olhar marginal característico permeando suas observações sobre as coisas. Isso é mais evidente na primeira seção (I – MARGINÁLIA), que dá título ao volume e onde o ferino discurso barretiano contra as injustiças sociais se faz mais presente. Trata-se de um conjunto de textos redigidos por Barreto quase que “no calor da leitura” de outros textos jornalísticos polêmicos ou tão somente interessantes às suas inquietações políticas. São escritos que foram surgindo a partir de anotações feitas às margens de tais artigos.

A segunda seção do volume (II – IMPRESSÕES DE LEITURA) também não deixa de configurar uma espécie de *marginália*, posto que os textos que dão corpo a tal seção sejam, em sua maioria, fruto da reflexão do cronista acerca de autores e obras, ou tenham a leitura de algum livro como *leitmotiv* para o seu desenvolvimento.

Na terceira seção da obra (III – MÁGOAS E SONHOS DO POVO) vamos conhecer um Lima Barreto bastante curioso em relação a determinados fenômenos e manifestações culturais do Brasil. Não deixando de lado algumas características próprias do seu discurso como cronista, Barreto, em tal seção, dá asas às suas qualidades de “etnógrafo” e de intelectual afeito a assuntos de Sociologia. Sendo assim, de maneira muito agradável e bem estruturada, o cronista passa a falar sobre questões bem populares e folclóricas, como superstições domésticas, rezas, orações, interpretação de sonhos, jogo do bicho, etc.

Para Chaves (*in*: BRASIL, 2008, p. 165), Lima Barreto deve ser visto como “um autor que se reinventa, que não se desatualiza”, e que, por certo, com o passar do tempo, ganha uma “substância social” cada vez maior. Concordamos com a afirmação acima posto que exista uma dimensão do social nas obras do escritor carioca que ainda possui muito a oferecer ao público leitor brasileiro do presente e

do futuro. Também a crítica literária possui, nesse caso, um rico manancial a ser explorado, uma vez que muito do que, erroneamente, já se afirmou sobre esse injustiçado escritor brasileiro tenha sido fruto de um olhar específico de uma elite intelectual dominante (e de opinião vencedora) que jamais levou em consideração algumas peculiaridades do pensamento barretiano.

Como bem aponta Matias (2007), o intelectual do início do século XX era uma espécie de mediador e intérprete da modernidade, posto que estivesse sempre no centro das transformações pelas quais passava a sua capital e o seu país:

Enquanto intelectual antenado com seu tempo, Lima Barreto se esmerou nessa prática, à medida que abordou essas mudanças em vários âmbitos, como observador da imprensa, da política, da literatura e dos literatos, das pessoas comuns nas ruas modernas e nas abandonadas ruas suburbanas. À guisa de exemplo, pode-se tomar a sua prática de captar, na miudeza do cotidiano dos jornais, o argumento de suas crônicas (MATIAS, 2007, p. 101).

Observador crítico de sua sociedade e dono de uma perspectiva diferenciada em relação à maneira como enxergava o avanço da modernidade, Barreto não via a chegada dos novos tempos da mesma maneira ou, pelo menos, com o mesmo entusiasmo que a grande maioria de seus colegas de profissão. Ele não concordava com o processo excludente e marginalizante através do qual o Rio de Janeiro vinha se transformando desde as primeiras mudanças introduzidas pela dupla Rodrigues Alves e Pereira Passos. Tinha restrições para com o cinematógrafo e o telefone, e não gostava da ideia de velocidade trazida com o aumento dos automóveis nas ruas. Talvez por causa disso possuísse determinado pendor para a pesquisa do passado cultural da sua cidade, como que buscando na preservação efetiva de certos valores em franco estado de degenerescência um caminho possível para um futuro mais ético e mais inteligente.

Em *Marginália*, de maneira geral, conseguimos identificar em diversos textos uma clara aversão do autor aos alemães, aos ingleses e, principalmente, aos norteamericanos. No campo das ideias, ataca nos alemães sua tendência à alienação popular e ao culto ao militarismo em detrimento da emancipação do povo:

Essa mania militar que se apossou de quase todos os países do globo, inclusive o nosso, levou todos eles a examinar e a imitar a poderosa máquina guerreira alemã. Os seus códigos e regulamentos militares vão sendo mais ou menos estudados e imitados, quando não são copiados. Não se fica só nisso. A tendência alemã, ou melhor, prussiana, de militarizar tudo, os mais elementares atos da nossa vida civil, por meio de códigos, regulamentos, penas e multas, vai-se também apossando dos cérebros dos governantes [...] (BARRETO, 1953, p. 12).

Agora, parece, a Alemanha ficará por muito tempo diminuída e os seus idiotas partidos guerreiros que se crêem eleitos e com a missão de dominar o mundo, não encontrarão na massa de

camponeses homens em que se apóiem, com auxílio de amuletos patrióticos; e os homens que criam o futuro, poderão agir (BARRETO, 1953, p. 35).

A crítica desferida aos ingleses e norte-americanos, mais a estes do que àqueles, tem muitas vezes o futebol, o pragmatismo e a prática desportiva em geral (objetos de ódio particular do cronista) como legitimação da tendência anglo-saxã à barbárie. Seja enaltecendo o livro *O esporte está deseducando a Mocidade*, de Sússekind de Mendonça, ou lembrando a fundação da “Liga Brasileira contra o Futebol”, encabeçada por ele mesmo, o cronista faz afirmações do seguinte teor:

[...] o *sport* é o “primado da ignorância e da imbecilidade”. E acrescento mais: da pretensão. É ler uma crônica esportiva para nos convenceremos disso. Os seus autores falam do assunto como se tratassem de saúde pública ou de instrução (BARRETO, 1953, p. 67).

O meu amigo Sússekind de Mendonça, no seu interessante livro – *O esporte está deseducando a Mocidade* – refere-se à licenciosidade das danças modernas. [...] Mendonça atribui o “andaço” dessas danças desavergonhadas ao futebol. [...] O Senhor Antônio Leão Veloso achou isso exagerado. Pode haver exagero – não ponho em dúvida tal coisa – mas **o tal de futebol pôs tanta grosseria no ambiente, tanto desdém pelas coisas de gosto, e reveladoras de cultura, tanta brutalidade de maneiras, de frases e de gestos**, que é bem possível não ser ele isento de culpa no recrudescimento geral, no Rio de Janeiro, dessas danças luxuriosas que os hipócritas estadunidenses foram buscar entre os negros e apaches (BARRETO, 1953, p. 54, **grifo nosso**).

O futebol ganhou, ao longo dos anos, *status* de atividade profissional e de espetáculo milionário, enquanto o carnaval recebeu grande incentivo financeiro do próprio governo brasileiro visando a sua expansão em nosso próprio país e no exterior.

Durante a sua atividade como cronista, Lima Barreto desferiu várias críticas tanto ao futebol quanto ao carnaval, alegando que o super desenvolvimento de ambos os fenômenos entre nós estava ligado a uma clara artimanha do Poder em ampliar a política do “pão e circo”. Atualmente, as críticas de Lima Barreto causariam bastante revolta entre os aficionados pelo esporte e pela festividade veneziana, mesmo porque, durante o século XX, uma das características que marcaram o Brasil internacionalmente foi justamente a conquista de “títulos”, como *O país do Carnaval* e *O país do Futebol*. O cronista parece profetizar, já em sua época, que aquele mecanismo de “pão e circo” iria ser uma fórmula perfeita para o governo manipular, por anos a fio, tanto a apatia dos brasileiros quanto a sua euforia, emoções estas sempre ministradas conforme os interesses do Estado: a alienação reinante no que tange à política e às injustiças ou perversidades do Governo também transforma-se, por vezes, num tipo de animação ufanista alienante que, no caso brasileiro, pode muito bem ser ilustrada com a fórmula

“Noventa milhões em ação / Pra frente Brasil / Do meu coração”⁴, que embalou a conquista do tricampeonato mundial de futebol em 1970 e que ainda hoje é lembrado com muito carinho pela mídia. Título do referido *jingle* e também *slogan* do Governo militar naquela ocasião, “Pra frente Brasil” conseguiu o grande êxito de ser absorvido pelo público em geral de uma maneira passiva e natural; isto é, sob essa perspectiva, auxiliada pela alienação comum própria do universo futebolístico no país, a imposição de tal ideologia às massas deu-se através de um tipo de propaganda menos agressiva, porém muito eficaz.

Como é possível notar no fim do segundo excerto exposto acima, há uma nota de rancor em relação aos “hipócritas estadunidenses” e aos EUA, como um todo; a crítica específica ao “brutal e odioso Estados Unidos” é embalada por um tom mais político e nacionalista: “Fui estudar alguma coisa da história das relações *yankees* com outros Estados estrangeiros; é deplorável, é cheia de felonias. Lembrei-me também como lá se procede com os negros e mulatos” (BARRETO, 1953, p. 16). Fácil perceber, desse modo, que questões como o racismo e a política externa americana são temas recorrentes em todos os textos nos quais o nome do referido país se faz presente. Nas crônicas “Coisas americanas”, I e II, publicadas no jornal *O Debate*, em 06 e 27 de outubro de 1917, respectivamente, há um claro alerta aos brasileiros idólatras dos EUA. Segundo o escritor, o Brasil estava sendo vigiado, naquele período, por 2 ou 3 navios comandados pelo temido Almirante William Banks Caperton, homem de guerra que, havia pouco, impusera seu poderio militar na República Dominicana:

Especialista em intervenções na vida íntima das fracas repúblicas de origem ibérica é de crer que Sua Excelência [Caperton] esteja se aborrecendo de contemplar as belezas da Guanabara e com gana de fazer qualquer coisa bem americana.

O almirante não é um contemplativo; é um homem de ação e não poderá levar muito tempo nesse quietismo enervante (BARRETO, 2004, v. 1, p. 295).

A crítica de Lima Barreto pautava-se na razão de que os brasileiros não deviam bajular e exaltar um povo que, historicamente, havia dado provas cabais de que não gostava de mestiços, sobretudo de latinos:

É preciso lembrar, para provocar o amor dos brasileiros, de todos eles, pela grande república dos dois oceanos, que a teoria *yankee* a respeito [do racismo] é a mais simples possível; e pode ser resumida naquela frase nossa e muito comum nos bate-bolas

⁴ A autoria do *jingle* “Pra frente Brasil” é de Miguel Gustavo (1922-1972), jornalista e compositor carioca que também notabilizou-se pela composição de músicas para campanhas eleitorais de políticos como João Goulart, Juscelino Kubitschek e José Sarney. Miguel Gustavo também criou *jingles* de muito sucesso os quais foram produzidos para campanhas publicitárias tanto do Governo militar (como “Plante que o governo garante”, de 1970) como para empresas privadas (Casas da Banha, de 1950; Leite Glória, de 1963).

jornalísticos e de estalagem: quem escapou de branco, negro é (BARRETO, 2004, v. 1, p. 297-298).

De maneira muito clara, o que o cronista também insiste em condenar no *American way of life* é a maneira visceral com que os americanos desenvolvem a prática capitalista. Incansável crítico do estilo de vida burguês, Lima Barreto censura mais de uma vez o lado não ético do pragmático provérbio *yankee*: “*make Money, honestly if you can; but make money*” [“ganhe dinheiro, honestamente, se possível, desde que ganhe dinheiro”] (BARRETO, 2004, v. 2, p. 529).

O ódio declarado do cronista à voragem burguesa, às vezes representada pelos Estados Unidos, às vezes pelos capitalistas nacionais, estende-se também à classe política brasileira, a qual, às vistas claras, utilizava-se ilicitamente da República como um mecanismo para o próprio enriquecimento. Quanto a essa questão, Barreto lembra o caso de um certo senador Victoman, que, queixando-se de que os carros da estrada de ferro feriam o couro de seus bois e vacas, apresentou um projeto de lei que concedia “um crédito de dois mil contos para acolchoar os carros das estradas federais” que tivessem de transportar o seu gado vacum (BARRETO, 2004, v. 2, p. 581-582).

Sempre atento aos artifícios retóricos criados pela aristocracia para subjugar a grande massa de pobres e analfabetos de nosso território, numa das crônicas de *Marginália* Barreto também chama a atenção para a “invenção” do indianismo efetivada pela *intelligentsia* brasileira do século XIX. Em “O nosso cabocismo”, crônica redigida em 1919, o autor afirma que:

Uma das manias mais curiosas da nossa mentalidade é o cabocismo. Chama-se isto a cisma que tem todo o brasileiro de que é caboclo ou descende de caboclo. Nada justifica semelhante aristocracia, porquanto o caboclo, o tupi, era, nas nossas origens, a raça mais atrasada; contudo toda a gente quer ser caboclo. [...] A mania, porém, percorreu o Brasil; e, quando um sujeito se quer fazer nobre, diz-se caboclo ou descendente de caboclo (BARRETO, 1953, p. 62).

Segundo o autor, os escritores indianistas e, sobretudo, o *político* José de Alencar, “primeiro romancista do Brasil, que nada tinha de tupinambá” (BARRETO, 1952, p. 62), foram os grandes responsáveis por essa tendência ideológica que perdurava até a sua época. O que irritava o autor é justamente o fato de os intelectuais brasileiros louvarem o (segundo ele) “atraso” de possuírem sangue indígena. Afirmações como essa, obviamente, são resultado da própria formação intelectual de Barreto, que sempre manifesta a tendência de expor o seu apreço à tradição cultural europeia. A questão do “patriotismo indígena”, discutida na crônica e ironizada pelo escritor em um romance como *Triste fim de Policarpo Quaresma*, também está relacionada à sua crítica organizada em relação à maneira arbitrária através da qual os intelectuais brasileiros do século XIX tentaram promover a independência da cultura nacional.

A escolha do elemento indígena como representante do vigor moral e força cultural dos brasileiros pode estar sendo criticada porque ela só vem mostrar o

quanto os intelectuais do Brasil sempre estiveram em desacordo com a concepção do povo, em geral. Ao escolherem o índio como símbolo da brasilidade, os intelectuais nacionais do século XIX imitaram o procedimento romântico europeu referente à busca por um modelo heroico e virtuoso de passado. Interessante notar que a concepção particular da *intelligentsia* brasileira pode ser vista como que em desacordo com a visão popular ou própria do senso comum (manifesta na opinião de Barreto), segundo a qual o índio representaria, na verdade, certo atraso no processo civilizatório.

A despeito do que, de imediato, um título como *Marginália* possa sugerir ao leitor contemporâneo, uma vez de seu parentesco com o vocábulo “marginal”, cumpre observar que a expressão-título da obra corresponde, tão somente, às *anotações que são feitas sobre as margens de um texto durante uma leitura crítica*. O volume, nesse sentido, tem como característica central a perspectiva de um Lima Barreto *leitor e observador*, intelectual atento às notícias de seu tempo e também crítico pontual de tudo o que se produzia no âmbito artístico-cultural da Primeira República. No texto que abre a coletânea, o próprio autor explica o método crítico-redacional desenvolvido por ele em relação a todos os outros trabalhos ali reunidos; segundo Barreto, ante a gama de informações que ia consumindo sobre variados assuntos, recorreu à seguinte solução prática: “[...] cortar as notícias dos jornais, colar os retalhos num caderno e anotar à margem as reflexões que esta e aquela passagem me sugerissem. Organizei assim uma *Marginália* a esses artigos e notícias” (BARRETO, 1953, p. 16).

Malgrado o fato de a expressão-título da obra ter sido cunhada no sentido exposto acima, faz-se importante notar que a *marginália* operada pela verve crítica e violenta de Lima Barreto desenvolve-se, com efeito, também a partir de seu ponto de vista “marginal” quanto a tudo o que escolhe para analisar.

À guisa de conclusão

Pelo que se pôde entender, até aqui, a partir de uma visão geral de *Bagatelas* (1923) e *Marginália* (1953), Lima Barreto quis dar a tais volumes um caráter crítico focado na discussão específica de temas políticos, econômicos e sociais. Publicadas originalmente em jornais “modestos” (nas palavras do próprio autor) e de pouca circulação, as crônicas reunidas em *Marginália* e *Bagatelas* expõem a sua vontade de ser lido por seus contemporâneos; de fazer com que suas ideias chegassem ao maior número possível de pessoas.

Escritor “de trincheira”, no dizer de Astrojildo Pereira, Barreto foi um intelectual combativo que fez de sua literatura (romances, contos e crônicas) um instrumento objetivo de crítica social e de denúncia. No que tange à dimensão ideológica de suas crônicas, o autor claramente mostrava-se alinhado aos interesses dos mais fracos; mais do que isso: através de seu modo *sincero* de escrever, através do qual expunha detalhes pessoais de sua vida, buscava caracterizar-se como pobre e politicamente “fraco”; alguém destituído de honrarias, capital econômico e poder. Nessa perspectiva, a escolha dos títulos de

tais volumes é uma mostra cabal de que Barreto prezava pela caracterização de um espaço do “fora”: do *marginal* e do *pequeno*.

Intelectual claramente dissonante, nos termos de Said (2005), Lima Barreto fez de seus textos jornalísticos um espaço para a manifestação de seu apreço pelo “fora”: através de sua atividade como cronista o autor empreendeu um caminho contrário à *mainstream*, criando, inclusive, novas possibilidades estéticas para a crônica brasileira (na medida em que sabemos que esta foi se diferenciando substancialmente de outras produções similares ao redor do mundo durante o século XX). Rica em informações geopolíticas, historiográficas, sociológicas e filosóficas; extremamente pessoal, *sincera* e por vezes carregada de certo revide ao poder – a crônica barretiana pode ser vista como um dos primeiros gritos intelectuais, no contexto brasileiro, que vieram realmente de fora do *status quo*. Um grito “marginal”; uma “bagatela” intelectual. Mas um grito “do fora” que fez acordar os que estavam no conforto do *establishment*, dentro da casa, do outro lado da porta.

Referências

- ANGHEL, Golgona; PELLEJERO, Eduardo. “A abóbora que se tornou cosmos: a exposição do pensamento do fora da filosofia”. In: ANGHEL, Golgona; PELLEJERO, Eduardo (Orgs.). “Fora” da filosofia. As formas de um conceito em Sartre, Blanchot, Foucault e Deleuze. Volume I. Lisboa: POCTI/Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2008.
- ANGHEL, Golgona; PELLEJERO, Eduardo (Orgs.). “Fora” da filosofia. As formas de um conceito em Sartre, Blanchot, Foucault e Deleuze. Volume I. Lisboa: POCTI/Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2008.
- _____. “Fora” da filosofia. Da fenomenologia à desconstrução. Volume II. Lisboa: POCTI/Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2008.
- BARRETO, Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Volume IX)
- _____. *Correspondência*. Ativa e passiva. 2º tomo. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Volume XVII)
- _____. *Marginália*. São Paulo: Mérito, 1953.
- _____. *O cemitério dos vivos*. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Volume XV)
- _____. *Toda crônica*. Apresentação e notas de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. (Volume 1)
- *Toda crônica*. Apresentação e notas de Beatriz Resende e Rachel Valença. Rio de Janeiro: Agir, 2004. (Volume 2)
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- CHAVES, José Antonio Garcia de. Uma leitura da escrita impressiva de Lima Barreto. Crônicas de heróis vulgares. In: BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Departamento Cultural e de Informações. *Ensaio premiado. A obra de Lima Barreto*. Brasília: Ministério das Relações Exteriores/Departamento Cultural e de Informações, 2008.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

MATIAS, José Luiz. *Vida urbana, Marginália, Feiras e Mafuás: a modernidade urbana nas crônicas de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. (Dissertação de Mestrado)

PELBART, Peter Pál. "A clausura do fora". In: ANGHEL, Golgona; PELLEJERO, Eduardo (Orgs.). *"Fora" da filosofia. As formas de um conceito em Sartre, Blanchot, Foucault e Deleuze*. Volume I. Lisboa: POCTI/Centro de Filosofia das Ciências da Universidade de Lisboa, 2008.

PEREIRA, Astrojildo. "Prefácio". In BARRETO, Lima. *Bagatelas*. São Paulo: Brasiliense, 1956. (Volume IX)

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. As conferências Reith de 1993. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.